



Organizadoras

Rita Andréa Alcântara de Mello

Walkiria Nunez Paulo dos Santos

PSICANÁLISE

Des-amparo e a mente do analista

Blucher

DES-AMPARO E A MENTE DO ANALISTA

Organizadoras

Rita Andréa Alcântara de Mello
Walkiria Nunez Paulo dos Santos

Des-amparo e a mente do analista

© 2018 Rita Andréa Alcântara de Mello e Walkiria Nunez Paulo dos Santos (organizadoras)
Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: Wikimedia Commons

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Des-amparo e a mente do analista / organizado
por Rita Andréa Alcântara de Mello, Walkiria Nunez
Paulo dos Santos. – São Paulo : Blucher, 2018.

432 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1354-3 (e-book)

ISBN 978-85-212-1353-6 (impresso)

1. Desamparo (Psicologia). 2. Psicanálise. I.
Título. II. Mello, Rita Andréa Alcântara de. III.
Santos, Walkiria Nunez Paulo dos.

18-1455

CDD 150.1952

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise – Desamparo (Psicologia)

Conteúdo

Prefácio	9
Apresentação	13
Introdução	19
1. Sobre desamparo e resiliência	25
<i>Plinio Kouznetz Montagna</i>	
2. Falha de continência primária e caminhos da compulsão a re-petir: isolamento, defesa maníaca e atualização na transferência	45
<i>Teresa Rocha Leite Haudenschild</i>	
3. Self desamparado: acolhimento no <i>setting</i> psicanalítico	59
<i>Cristiane Reberte de Marque, Giovanna Albuquerque Maranhão de Lima, Maria Cristina Aoki Sammarco, Maria Cecília Ramos Borges Casas, Maria Cristina Hohl, Maria Teresa Pires Menicucci, Nancy de Carlos Sertorio, Neuci Maria Gallazzi, Rita Andréa Alcântara de Mello, Silvana Bressan de Oliveira, Walkiria Nunez Paulo dos Santos</i>	

4. As duas vias do desamparo: uma contribuição clínica <i>Maria Olympia Ferreira França</i>	91
5. A vivência da verdade na clínica psicanalítica <i>Antonio Muniz de Rezende</i>	111
6. Desamparo e transicionalidade <i>Marlene Rozenberg</i>	135
7. A mente do analista, personalidade e teorias. Teorias do analista e transformações em O <i>Célia Fix Korbivcher</i>	155
8. Solidão e desamparo na adolescência e sua relação com a triangulação edípica <i>Gisèle de Mattos Brito</i>	175
9. O desamparo catastrófico ante a privação das funções parentais. Na adoção, a esperança ao encontrar o objeto transformador <i>Alicia Beatriz Dorado de Lisondo</i>	193
10. O desamparo e a mente do analista <i>Carmen C. Mion</i>	233
11. O desespero de Peter Pan e sua busca por existir: des-amparo e pensamento onírico da dupla analítica <i>Ana Maria Stucchi Vannucchi</i>	251
12. Sobre o desamparo ante estados de não integração <i>Anne Lise Sandoval Silveira Scappaticci</i>	273

13. “*La muerte del angel*”: o desamparo e a mente do analista 293
Leda Beolchi Spessoto
14. Desamparo – amparo no pensar 309
Walkiria Nunez Paulo dos Santos
15. Uma psicanalista equilibrista e seu posto de observação 333
Giovanna Albuquerque Maranhão de Lima
16. A *hybris* e a mente do analista – o excesso na sala de análise: manejos técnicos 355
Rita Andréa Alcântara de Mello, Raquel Andreucci Pereira Gomes
17. Uma experiência de des-amparo: *rêverie* com continência como possibilidade de des-construção da realidade 379
Walkiria Nunez Paulo dos Santos, Ivan Morão
18. Dor no corpo, dor psíquica: diálogo necessário na compreensão de um paciente com Crohn 397
Denise Aizemberg Steinwurz
- Sobre os autores 419

1. Sobre desamparo e resiliência

Plinio Kouznetz Montagna

I.

Ludwig van Beethoven, um dos compositores musicais mais respeitados e mais influentes de todos os tempos, nasceu em Bonn em 1770.

Em 1792, com 21 anos de idade, mudou-se para Viena (apenas um ano após a morte, na cidade, de Mozart), onde, à parte algumas viagens, permaneceu para o resto da vida. Aluno de piano de Haydin, Salieri e outros, tornou-se um pianista virtuose, cultivando admiradores, muitos dos quais pertencentes à aristocracia da época.

Por volta de 1796 surgiram os primeiros sintomas daquilo que veio a constituir sua grande tragédia. Aos 26 anos teve o diagnóstico de uma patologia otológica que evoluiu, paulatinamente, até a surdez, e que o levou a se isolar e influir nas depressões que teve que enfrentar.

No início supôs que se tratava de um mal passageiro, mas, pouco a pouco, sua audição foi minguando. Em 1801 a situação começou a tornar-se alarmante. Escreveu ao médico Franz Wegeler, grande amigo seu: “Durante dois anos procurei evitar a companhia de todos, simplesmente porque não posso dizer que estou surdo. Se eu tivesse outra profissão, tudo seria mais fácil, mas com o meu trabalho esta situação é terrível”.

Em maio de 1802, por recomendação médica, Beethoven viajou a Heiligenstadt, um povoado vizinho a Viena, para uma temporada de descanso; no verão esse era seu costume, e o foi ao longo de toda sua vida.

Atormentado pelo aumento da surdez, já tinha a sensação de que se tratava de uma enfermidade que não o abandonaria facilmente; sentia toda sua vida ameaçada. Sua crise existencial era profunda e ele cogitava seriamente o suicídio, uma ideia forte e recorrente.

Lá escreveu o que ficou conhecido como “Testamento de Heiligenstadt”, uma carta manuscrita, originalmente destinada aos dois irmãos, Kaspar Anton Carl van Beethoven e Nicolaus Johann van Beethoven, que nunca lhes foi enviada – e que ficou guardada numa gaveta da sua secretária em Viena, encontrada só depois da sua morte –, em que reflete, desesperado, sobre a tragédia da sua surdez:

Testamento de Heiligenstadt

Ó homens que me tendes em conta de rancoroso, insociável e misantropo, como vos enganais. Não conheceis as secretas razões que me forcem a parecer deste modo. Meu coração e meu ânimo sentiam-se desde a infância inclinados para o terno sentimento de carinho e sem-

pre estive disposto a realizar generosas ações; porém considerai que, de seis anos a esta parte, vivo sujeito a triste enfermidade, agravada pela ignorância dos médicos. Iludido constantemente, na esperança de uma melhora, fui forçado a enfrentar a realidade da rebeldia desse mal, cuja cura, se não for de todo impossível, durará talvez anos! Nascido com um temperamento vivo e ardente, sensível mesmo às diversões da sociedade, vi-me obrigado a isolar-me numa vida solitária. Por vezes, quis colocar-me acima de tudo, mas fui então duramente repellido, ao renovar a triste experiência da minha surdez!

Como confessar esse defeito de um sentido que devia ser, em mim, mais perfeito que nos outros, de um sentido que, em tempos atrás, foi tão perfeito como poucos homens dedicados à mesma arte possuíam! Não me era, contudo, possível dizer aos homens: “Falai mais alto, gritai, pois eu estou surdo”. Perdoai-me se me vedes afastar-me de vós! Minha desgraça é duplamente penosa, pois além do mais faz com que eu seja mal julgado. Para mim, já não há encanto na reunião dos homens, nem nas palestras elevadas, nem nos desabaços íntimos. Só a mais estrita necessidade me arrasta à sociedade. Devo viver como um exilado. Se me acerco de um grupo, sinto-me preso de uma pungente angústia, pelo receio que descubram meu triste estado. E assim vivi este meio ano em que passei no campo. Mas que humilhação quando ao meu lado alguém percebia o som longínquo de uma flauta e eu nada ouvia! Ou escutava o canto de um pastor e eu nada escutava!

Esses incidentes levaram-me quase ao desespero e pouco faltou para que, por minhas próprias mãos, eu pusesse fim à minha existência. Só a arte me amparou! Pareceu-me impossível deixar o mundo antes de haver produzido tudo o que eu sentia me haver sido confiado, e assim prolonguei esta vida infeliz. Paciência é só o que aspiro até que as parcas inclementes cortem o fio de minha triste vida. Melhorarei, talvez, e talvez não! Mas terei coragem. . . .

Peço-vos, meus irmãos, assim que eu fechar os olhos, se o professor Schmidt ainda for vivo, fazer-lhe em meu nome o pedido de descrever a minha moléstia e juntai a isto que aqui escrevo para que o mundo, depois de minha morte, se reconcilie comigo. Declaro-vos ambos herdeiros de minha pequena fortuna. Reparti-a honestamente e ajudai-vos um ao outro. O que contra mim fizestes, há muito, bem sabeis, já vos perdoei. A ti, Karl, agradeço as provas que me deste ultimamente. Meu desejo é que seja a tua vida menos dura que a minha. Recomendai a vossos filhos a virtude. Só ela poderá dar a felicidade, não o dinheiro, digo-vos por experiência própria. Só a virtude me levantou de minha miséria. Só a ela e à minha arte devo não ter terminado em suicídio os meus pobres dias. Adeus e conservai-me vossa amizade.

Minha gratidão a todos os meus amigos. Sentir-me-ei feliz debaixo da terra se ainda vos puder valer. Recebo com felicidade a morte. Se ela vier antes que realize tudo o que me concede minha capacidade artística,

apesar do meu destino, virá cedo demais e eu a desejaria mais tarde. Entretanto, sentir-me-ei contente pois ela me libertará de um tormento sem fim. Venha quando quiser, e eu corajosamente a enfrentarei.

Adeus e não vos esqueçais inteiramente de mim na eternidade. Bem o mereço de vós, pois muitas vezes, em vida, preocupei-me convosco, procurando dar-vos a felicidade.

Sede felizes!

Heiligenstadt, 6 de outubro de 1802.

Ludwig van Beethoven.

Recuperado de https://pt.wikisource.org/wiki/Testamento_de_Heiligenstadt.

Na carta explicita sua amargura, sua angústia insuportável até o ponto de querer tirar a própria vida.

Porém, após essa viagem até o fundo sombrio de seu ser, algo o resgatou. Ele diz: “Foi a arte, e apenas ela, que me reteve. Ah, parecia-me impossível deixar o mundo antes de ter dado tudo o que ainda germinava em mim!” O desfecho dessa situação veio a se constituir na composição da Sinfonia nº 3, *Eroica* – a sua primeira obra monumental –, que aparece depois da crise fundamental de Heilingenstadt, entregue naquele mesmo ano.

Embora tenha feito muitas tentativas para se tratar, durante os anos seguintes a doença continuou a progredir e em 1816, aos 46 anos de idade, estava praticamente surdo.

Essa conhecida passagem da vida de Beethoven faz notar que, do total desamparo diante da doença, a surdez, brotou sua

impressionante resposta resiliente, na iminência última de suas possibilidades (Montagna, 2003). Alicerçada em suas condições pessoais e, de acordo com suas palavras, ancorado em sua arte, Beethoven opera no limite essa outra arte, a de “navegar entre torrentes”, que constitui o núcleo da ideia de resiliência, que reúne a antítese entre o infortúnio e seu aproveitamento (Cyrułnik, 1999).

A vida é marcada por estados de desamparo de variados graus, às vezes, intensos, em momentos diversos, intercalados por tempos em que esse desamparo existencial permanece como pano de fundo, aquietado, como participante potencial.

O desamparo de Beethoven chega no momento de um estágio-limite, em que o próprio aniquilamento da vida, o suicídio, passa a ser considerado. A vida vai perdendo a batalha para Tãnatos, até o encontro do gênio da música com um “momento axial” no qual sobrevém o ponto de inflexão que o impulsiona de volta à vida com força energia e criatividade extraordinárias.

II.

De fato, a dinâmica dos movimentos genuinamente resilientes mostra que é nas vivências de crescente desamparo, na zona do não suportável, que vamos nos deparar com um ponto de inflexão, reversor de perspectivas, a partir do qual o caminho à vida se re-instala, apoiado em objetos internos protetores.

A rigor, o objeto a ser buscado nas situações-limite quando grassa o desamparo se explicita de modo semelhante a esse caso;

a busca se expande, se propaga a todas as esferas do ser. Objetos bons e vigorosos poderão dar suporte a Eros.

Mas muitas vezes existe a necessidade de se recorrer a objetos externos para que se dê a reversão a Eros. A análise e, particularmente, o analista investido de confiança e de poder suficiente para estancar a agonia e o horror da desproteção, da penúria mental, são mobilizados. O analista opera como um tutor de resiliência.

Essa é uma tarefa do interjogo analítico, quaisquer que sejam as circunstâncias em que ocorra. O movimento do fazer analítico, a rigor, dá-se exatamente dentro da oscilação entre o se deixar levar ao desamparo, com a mente livre, e a recomposição desta numa guinada emotivo-cognitiva que vem a ser o *insight*. É esta a interpretação que auxilia o paciente a recompor-se de seu estado de desorganização. É um movimento de caráter, também estético. Para Meltzer (1998), a identificação com o objeto combinado, isto é, mãe e pai internamente em harmonia e em diálogo amoroso, é a precondição para o funcionamento mental criativo.

Um paciente relata uma vivência extrema na qual, diz, “atravessei o umbral da vida”. Durante um ato cirúrgico a que se submetia percorreu aquilo que se costuma chamar de experiência de quase morte. Nessa vivência, qual as descritas por indivíduos que beiraram esse limiar do viver/morrer, ele se viu entrando num túnel escuro, no fundo do qual via um clarão; nele se contrapõe uma força vinda de uma figura bendita, que ele reconhece como sua mãe e a impulsiona de volta, de volta para a vida. Trata-se de uma dramatização interna de um objeto interno bom, muito bom, protetor, pondo em movimento uma prodigiosa apropriação de elementos de vida, de Eros, operando a favor de uma quase ressuscitação.

Também ele recorre a um objeto interno, bom e protetor, investido, com a força suficiente de alento, motivação e vida.

Numa sessão não seria errôneo pensar numa mimetização do fluxo do jogo transferencial, no qual esse paciente se inseriu após uma vivência extraordinariamente sofrida de também atravessar um limiar quase de morte psíquica, resgatado pelos seus recursos pessoais e, fundamentalmente, pela análise, a ou o analista “mãe”, impulsionando-o de volta à vida psíquica e, mais adiante, à capacidade de sofrer e conter seus sentimentos mais penosos.

Para que essa reversão seja possível é sempre fundamental a constituição de bons objetos internos, protetores.¹

Nos dois casos acima, o encontro e diálogo com objetos internos que impulsionam a resiliência dá-se numa situação-limite de desamparo total, ou quase total; o momento axial é aquele que configura um ponto de inflexão, no qual o sujeito agora busca forças em si mesmo e recorre aos objetos internos de acesso possível, disponíveis para tentar reverter o cenário do desamparo com resposta resiliente. Virginia Bicudo (1986) ressaltava que os mecanismos de defesa cumprem sua função de acordo os determinantes psíquicos, que predominam numa dada configuração. A angústia despertada pelo medo de morrer, por exemplo, dinamiza a defesa em prol da vida.²

Fica implícito que Beethoven pôde recorrer a seus objetos internos com força suficiente para reverter seu desamparo. Possivelmente, também contou com os objetos externos/internos, interlocutores a quem dirigiu suas cartas, reais ou imaginários. A inventividade, a capacidade de tolerar frustrações e de se recriar, se reinventar, dentro da crença no valor e no significado da vida, são postas em ação.

1 Ocorre que, às vezes, esses se encontram inacessíveis ao sujeito, por questões metapsicológicas de diversas ordens.

2 E, diz ela, a angústia relacionada ao medo de viver mobiliza defesas relacionadas aos fins de morte.

Winnicott mostra como é importante a crença na bondade do mundo, em outras palavras, recorrer a objetos bons. A criatividade psíquica primária, para Winnicott, é essencialmente uma pulsão em direção à saúde e ligada à necessidade da experiência da onipotência infantil nos primeiros tempos do bebê, a habilidade da mãe de responder ao gesto espontâneo da criança facilitando seu senso de *self*, o papel da agressão primária e a necessidade do bebê de que o objeto sobreviva a seu amor impiedoso (Abram, 1996, pp. 115-116).

Trata-se de buscar no desamparo vestígios do bom objeto a impulsionar o indivíduo, mas essa tarefa, por vezes, só é possível com a ajuda vinda do exterior; é preciso se aliar a um objeto externo cuja ação será a de tutor de resiliência, o psicanalista, no âmbito da uma aliança fundamental que é a aliança terapêutica.

O tutor de resiliência opera com a força do próprio sujeito, como um polo catalisador da escalada do ego na direção de sua integridade, ou melhor, de sua integração. Um de seus ofícios é no trabalho de emergência dos significados que vão se dar na interação. Este, aponta Green (1988), “não emerge completo qual Afrodite nas ondas” (p. 296), cabe construí-lo. É um significado potencial que será constituído na e pela relação analítica.

Por meio dessa construção se estabelece o exercício da resiliência que, no âmbito das atividades humanas, se refere não só à restituição ao que era antes do estímulo modificador, ou traumático,³ mas supõe um crescimento, um fortalecimento com base na experiência dolorosa. Vale notar que o conceito de resiliência se amplia quando transportado de seu hábitat natural, a física e a engenharia, para as ciências humanas, particularmente a sociologia,

3 Em sua acepção original, na física dos materiais, resiliência se refere à reversão da deformação causada por uma tensão ou tração no material, o qual retorna à forma original.

a psicologia e a psicanálise. Se a utilização inicial se referia a respostas a estímulos exteriores específicos, em outras palavras, a traumas, posteriormente, vem sendo utilizado para designar o fazer diante das adversidades da vida, de modo geral, em todas as suas dimensões, num âmbito que inclui as questões existenciais.

Assim, um fator importante a ser considerado é o trabalho do luto. O luto ocorre diante da perda de objeto e também nos processos que acompanham crescimento mental. Ultrapassar uma etapa da libido e lançar-se a uma nova requer o abandono das gratificações da anterior. Assim é inevitável que o luto também acompanhe a mudança de um estágio da vida para outro. O luto é um processo também ligado a crescimento e desenvolvimento.

Numa situação de desamparo, por vezes excruciante, como na ocorrência de Beethoven, há que se viver o luto pela perda de funções auditivas, de toda uma imagem corporal e posição na vida, pela perda do sentido da audição.

Para haver uma resposta vitalizadora, resiliente, há que se completar esse luto com um esforço maciço de contato com a realidade e se afastar, como aponta Kogan (2007), dos aspectos persecutórios dos objetos perdidos, por meio da assimilação de seus aspectos positivos e bondosos. Estamos apontando para o trabalho com objetos internos, com o apego à bondade interior. É necessário um trabalho de luto interior, abandono ao que não pode ser mantido e fé na possibilidade de sobrevivência e de crescimento. Nesse sentido, faz-se necessário o luto. É nesse contexto que Pollock (1978) afirma o luto como “uma série de operações intrapsíquicas ocorrendo em estágio sucessivos, sequenciais, envolvidas num novo nível de equilíbrio interno e externo relacionado” (p. 162).

Não raro recebemos em nossos consultórios pacientes cujas defesas (às vezes, penosamente sustentadas às custas de muita energia psíquica despendida) desmoronaram inapelavelmente,

havendo a necessidade de se recorrer a um objeto externo que inclui uma continência, em seus vértices femininos e masculinos, e que, de algum modo, possa assegurar uma restituição do tecido psíquico esgarçado.

É o caso de Cassio, que me procurou após a irrupção de uma crise de agorafobia e outros elementos semelhantes, cuja análise envolveu o lidar com fenômenos de ordem religiosa, mística, e mágicos de sua personalidade.

Ele vivia com suas defesas razoavelmente assentadas contendo um mundo psicótico e, um dia, numa crise que envolveu questões patrimoniais, as viu ruir; buscou psicanálise, ainda que com muito medo de que a análise pudesse prejudicar sua criatividade (o que não ocorreu, ao contrário).

Seu vasto mundo de idealizações sem fim não conseguiu, ao longo do tempo, dar conta das necessidades que a cada vez surgiam no enfrentamento da vida cotidiana, das frustrações, dos mal-estares das relações em que se colocava. Um dia esse mundo caiu, suas defesas ruíram, dando palco a um espaço abissal povoado por fobias, particularmente as agorafobias. Não conseguia estar em lugares abertos, o que era altamente limitador para seu dia a dia, e a isso aliava-se uma claustrofobia de tal ordem que não podia suportar engarrafamentos de trânsito ou elevadores. O estreitamento de seu campo existencial fez-se insuportável. Constrição *versus* difusão de limites egoicos estava em pauta.

A compreensão dos elementos cindidos que pudessem ser reintrojados foi valiosa nessa análise, além da expansão das possibilidades egoicas alapadas. A reintrojeção de elementos cindidos e projetados revelou-se um elemento facilitador da resiliência. Segundo Grinberg e Grinberg, a questão passou não somente pela procura da identidade, mas também pela necessidade de consolidação do sentimento de identidade; o enquadramento analítico

pôde servir de contentor e limite para as projeções que veiculam pedaços de identidade e, por meio dele, dizem os autores, pode-se aceitar e recuperar “também o desprendimento daquelas partes regressivas que bloqueiam o caminho para o desenvolvimento e estabelecimento de aspectos adultos”. A evolução resiliente ultrapassa seu receio e insegurança, redefinindo seu lugar e sua configuração de espaço-tempo (Montagna, 1979).

III.

O desamparo, condição humana primordial, é reeditado durante a vida, e seguramente é temido, naquilo que Winnicott (1974, p. 36) descreve como medos de colapso do indivíduo, para ele um colapso que já terá ocorrido um dia. Dá-se nos eventos emocionais em que o ser humano é incapaz de sustentar, de manejar. Sua força é maior do que a capacidade de fazer face àquilo que ele suporta. As agonias primitivas que o desamparo envelopa podem expressar-se no colapso, da experiência de agonia primordial, eventualmente de um terror sem nome ou, em casos de situações traumáticas, um terror sem fala.

Assim, existem formas não traumáticas e traumáticas de desamparo. As não traumáticas são simplesmente realidades existenciais do desamparo humano, como nascimento e morte. Podem ser dolorosas e causar ansiedade, mas não são em si mesmas traumáticas (Lamothe, 2014). A psicanálise pode auxiliar as pessoas a elaborarem as formas traumáticas, bem como vitalizá-las nas vivências das formas não traumáticas.

Na obra de Freud, encontramos o desamparo referido a situações de perigo (Freud, 1926/1975), portanto, relacionado ao trauma, bem como uma essencial fragilidade do funcionamento

psíquico, em suas obras posteriores (Pereira, 2008, p. 36). Assim, desamparo e luto podem ser vistos como fenômenos bifrontes, relacionados ao trauma, mas também às questões essenciais da existência humana.

Pereira (2008) aponta:

o criador da psicanálise evolui de uma formulação inicial que concebe o desamparo essencialmente sob a perspectiva de impotência psicomotora do bebê até re-encontrá-lo em seus últimos trabalhos, à base do desespero do homem quando confrontado com a precariedade de sua existência, e que o leva à criação de deuses onipotentes, supostamente capazes de controlar de modo benfazejo as potências do universo. (p. 36)

Winnicott, no conjunto de sua obra, enxerga o desamparo essencial e absoluto, físico e psíquico, relacionado ao início da existência, quando a unidade mãe-bebê ainda não se separou. A psicologia do bebê está vinculada à da mãe e aos cuidados maternos, de modo que a criança, lançada ao mundo sem as ferramentas necessárias para sobreviver, depende integralmente dos cuidados maternos.

Mas ele não crê que nos traços de memória de um nascimento normal haveria o sentimento de desamparo; a demora, algum fracasso na capacidade do ambiente (dos pais) em se adaptar às necessidades do bebê, estaria presente (Winnicott, 1975, p. 37). Assim, como argumenta Lamothe (2014), o estado de dependência absoluta corresponde ao desamparo, mas necessariamente a um sentimento de desamparo ansioso ou percepção rudimentar da dependência absoluta. Para ele é importante experimentar

sentimentos de desamparo quando adultos, pois isso traz sentimentos remanescentes das situações vivenciadas primariamente.

Para Winnicott (1953), “a experiência e a crença na onipotência permitem que a criança tenha uma experiência de confiança com a qual começa a construir e integrar criativamente sua própria experiência – criatividade primária”.

Nesse sentido faz diferença o lugar em que o analista é posto pelo paciente, a partir do qual se dará, inicialmente, a interação.

Outro paciente, proveniente de outro país, me procurou por um surto psicótico em que fazia grande destruição de seu patrimônio acompanhado por intenso consumo de cocaína, que punha em risco tudo aquilo que havia conseguido até então em sua vida. A primeira tarefa do analista foi o estabelecimento de uma forte aliança terapêutica, sem margem para a não consideração dos elementos destrutivos (auto e hetero) do paciente.

Os estímulos a seus núcleos resilientes incluem a preservação do contato possível do paciente com seus núcleos egoicos hígidos. Com base nisso, a facilitação da simbolização por meio do trabalho diádico em que será privilegiada a observação da experiência emocional transforma-se na questão da maior relevância a ser perseguida.

À dimensão do des-amparo, é claro que algum tipo de contraponto é necessário. Se encaramos a questão do ponto de vista da resiliência, o contraponto se funda a partir desse tutor de resiliência, que apontamos poder ser interno, mas, via de regra, a necessidade é que seja externo.

Beethoven descreve seu desamparo no documento assinalado, observando o esvair de suas defesas, até o ponto de temer/desejar a morte. É numa busca interior, numa tentativa de autossustentação, na busca da força interna, na inventividade e criatividade que se

sobressaem em relação à simples capacidade de adaptação, que se dará a reconfiguração de si próprio. Estará em questão a capacidade de resiliência do indivíduo ou, simplesmente, a resiliência?

Ele busca dentro de si elementos que resultam em esculpir uma resposta que o resgata do fundo do mais abissal desespero, resposta que invoca o mais profundo de sua genialidade, dando à luz a imortal sinfonia que traz de Heiligenstadt.

Em extremos, as pessoas podem criar dentro de si elementos que dão sentido à vida. Ainda aqui, sob esse aspecto, é fundamental a possibilidade da preservação de objetos internos robustos, vitais, vitalizados, capazes, para se lidar com nosso desamparo quando ele desponta como protagonista sombrio.

Às vezes, um profissional pode ser chamado para situações fora de sua condição natural, de seu ambiente de conforto. Logo no início de minha profissão, recém-terminada minha residência em psiquiatria, fui solicitado a atender, num domingo pela manhã, um rapaz que havia viajado a São Paulo com o intuito de se suicidar, como posteriormente me relatou. Chegando ao apartamento em que ele se encontrava, em área calma da cidade, deparei-me com duas pessoas aflitas na sala de estar olhando temerosas para o terraço, no limiar do qual um rapaz de uns 20 e poucos anos falava, parecendo muito ansioso pelo olhar dos presentes. A pessoa que lá me levou, parente do rapaz, e eu entramos no recinto; num relance, ficou claro para mim que para poder ter alguma voz na conversa precisava me postar entre o paciente e o abismo, ou seja, na borda entre a sala e a varanda. Dirigi-me rapidamente para lá e, ao mesmo tempo, distraía o protagonista com cumprimentos gerais e expressões impessoais.

Quando ele percebeu que eu tinha conseguido ultrapassar o lugar em que estava e havia conseguido de fato me interpor entre ele e o final do terraço, saiu correndo na direção deste e, ao passar

por mim, tive que segurá-lo. Outros vieram e pudemos contê-lo. Mas por um tempo. Num átimo de descuido do grupo, ele saiu correndo pelo apartamento, entrou num dos quartos e sentou-se na janela, meio corpo para dentro e meio para fora. Ou seja, refez a condição inicial, ele no controle. Dirigi-me ao quarto, postei-me a uma distância que não o invadissem, comecei a conversar com ele, imaginando que caminho poderia tomar para alguma negociação. Há momentos nos quais o que se pode fazer é olhar para dentro de si. Abandonando qualquer intenção de uma conversa objetiva, senti-me impelido, quase obrigado, a dizer para ele, num movimento de libertação, de minha parte: Sergio, estou com muito medo. Você está me apavorando, e a todos aqui. Olhe bem para mim, estou em pânico, com medo de você pular daí. Surpreendentemente, a resposta foi imediata. Olhou mesmo para mim, desceu da janela vagorosamente, dirigiu-se à sala de estar e permaneceu de pé. Talvez tivesse cedido a um pedido de clemência embutido, de certo modo, em minha fala. Clemência para mim, para os demais e para ele. Talvez (e não excludentemente) tivesse reintegrado, reintrojado o seu terror, o seu pânico, dos quais havia se livrado projetando-o identificativamente em mim (e nos outros presentes ou imaginariamente presentes). Talvez tivesse sentido uma reverberação de seu ser dentro do meu, o que poderia – sempre pode – diminuir sua sensação de desamparo e desvalimento. O fato é que minha fala carregou consigo uma verdade inexorável, eu estava de fato muito, muito atemorizado com aquela situação, com o corpo do rapaz meio no mundo dos vivos e meio pronto para se lançar ao mundo da morte. Havia que compartilhar com ele meu temor, ou meu terror, cuja solução estava em suas mãos.

Se eu tivesse tido a sensação de estar lidando com um sujeito de características mais psicopáticas, talvez outro tivesse sido o desenrolar do episódio. Mas tratava-se de alguém muito mais imerso num mundo absolutamente persecutório, por aquilo que

me indicava minha empatia em relação a ele – a vivência pele a pele mostrava, numa apreensão primitiva, emocional, pré-verbal, na relação pessoa-pessoa.

No final do episódio, com um suspiro profundo de alívio e com um olhar agudo, o paciente me agradeceu, por tê-lo protegido de si mesmo. O desamparo pode estar ligado à vivência de terror. Aqui, apenas um objeto externo pode auxiliar, como aponta Meltzer (1968):

o terror é uma ansiedade paranoide cuja qualidade essencial, a paralisia, não deixa nenhum caminho de ação. O objeto do terror, estando em objetos mortos fantasiosos e inconscientes, não pode nem mesmo fugir com sucesso... Quando a dependência da capacidade reparadora dos objetos internos é impedida pelo ciúme edípiano e/ou pela inveja destrutiva, essa restauração não pode ocorrer durante o curso do sono e do sonho. Apenas um objeto na realidade externa, que carrega o significado da transferência do seio da mãe em níveis infantis, pode realizar a tarefa. Isso pode ser feito inúmeras vezes sem que seja reconhecido, se a dependência infantil for bloqueada pela atividade denegradora da inveja ou pela obstinação nascida da intolerância à separação.

Trata-se de um colapso, um *breakdown*. Para Ogden (2014) o colapso a que Winnicott se refere teria ocorrido anteriormente, mas não experimentado, não vivenciado. Isso traz um diferencial entre o colapso e o conceito de Freud de *après coup*, que se refere a experiências, traços de memória, impressões que serão revisados

para se adequar às novas experiências ou como encontro com um novo estágio de desenvolvimento.

O desamparo fundamental a partir do qual se constituiu o desenvolvimento somático e psíquico do ser humano, cada golpe na vida pode reeditar ou ao menos nos lembrar da existência de nosso desamparo fundamental, que nos acompanha virtualmente até a morte, diante da qual revivemos nosso inexorável desamparo.

Ogden (1997) aponta que o pesadelo difere do terror também porque o indivíduo, ao acordar, tem uma vivência de outra dimensão. No terror o indivíduo não pode sonhar nem estar acordado, ele não acorda.

O gatilho da mudança de atitude de uma passividade para uma atividade na tentativa de manejar condições de alto desamparo, no ponto de inflexão, é por vezes infável. Mas esse movimento de recuperação do controle necessita contar com uma capacidade íntegra, que é a capacidade lúdica, de brincar, de jogar, como mostra Freud (1920/1975) no Jogo do Carretel, no *fort da*.

Quando estados de desamparo não podem ser revertidos, isso pode implicar um efetivo *breakdown*, com marcas, muitas vezes, irreversíveis no psiquismo humano. Essas rupturas se dão em situações-limite, por exemplo, em situações de terror quase absoluto, ou absoluto, de várias origens externas, uma das quais é a tortura que conduz o eu a um terror pré-lei, pré-civilização (Ferraz, 2014), com as devidas consequências traumáticas.

Outro aspecto relevante é que há indicações de que *a resiliência de uma pessoa é proporcional à sua capacidade de mobilizar o amor pela sua pessoa*. Quando se fala em desamparo e resiliência, a capacidade de amar e ser amado sempre estará em pauta.

Referências

- Abram, J. (1996). *The Language of Winnicott*. London: Karnac Books.
- Bicudo, V. L. (1986). As múltiplas faces do *self*. Imagens refletidas das identificações projetivas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 20, 9-17.
- Cyrulnik, B. (1999). *Un merveilleux malheur*. Paris: Odile Jacob
- Ferraz, F. C. (2014). Estado de exceção e desamparo. *Percurso*, 26(52), 89-94.
- Freud, S. (1920/1975). Beyond the Pleasure Principle. In S. Freud, *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 7-65). London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1926/1975). Inhibitions, Symptoms and Anxiety. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 77-178). London: Hogarth Press.
- Green, A. (1988). *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- Grinberg, L., & Grinberg, R. (1980). *Identidad y cambio*. Buenos Aires: Paidós.
- Kogan, I. (2007). *Escape from Selfhood*. London: The International Psychoanalytical Association.
- Lamothe, R. (2014). Winnicott and Helplessness: Developmental Theory, Religion, and Personal Life. *Psychoanalytic Quarterly*, 83(4), 871-896.
- Meltzer, D. (1968). Terror, Persecution, Dread – a Dissection of Paranoid Anxieties. *International Journal of Psycho-Analysis*, 49, 396-400.

- Meltzer, D. (1998). *The Kleinian Development*. London: Karnac Books.
- Montagna, P. (1979). Conversando sobre meu contato com X. Trabalho apresentado à SBPSP, São Paulo.
- Montagna, P. (2003). Uma contribuição ao estudo da resiliência. In *Congresso Brasileiro de Psicanálise*. Campo Grande, MS.
- Ogden, T. H. (1997). *Reverie and interpretation*. New Jersey: Jason Aronson.
- Ogden, T. H. (2014). Fear of Breakdown and the Unlived Life. *Int. J. Psycho-Analysis*, 95(2), 205-223.
- Pereira, M. E C. (2008). *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta.
- Pollock, G. H. (1978). Process and Affect; Mourning and Grief. *International Journal of Psychoanalysis*, 59, 255-276.
- Testamento de Heiligenstadt. (2018, 17 de julho). In *Wikisource*. Recuperado de https://pt.wikisource.org/wiki/Testamento_de_Heiligenstadt.
- Williams, M. H. (2010). *A Meltzer Reader*. London: Karnac Books.
- Winnicott, D. W. (1953). Transitional objects and transitional phenomena – studies in the first not-me possession. *International Journal of Psychoanalysis*, 34, 86-97.
- Winnicott, D. W. (1974). Fear of breakdown. *International Review of Psycho-Analysis*, 1, 103-107.
- Winnicott, D. W. (1975). *Through paediatrics to psycho-analysis*. London: Hogarth Press.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Des-amparo e a Mente do Analista

Rita Alcântara de Mello
Walkiria Nunez Paulo dos Santos

ISBN: 9788521213536

Páginas: 432

Formato: 14x21 cm

Ano de Publicação: 2018